

MEDO QUE DOMINA

Para Louana.

Fascínio. Voltava cada dia, a semana inteira. Que teria ruminado o porteiro quando me via de novo, no dia seguinte? Não cobravam ingresso nem exigiam documento de idade – o pequeno cinema de bairro era de um parente de minha avó. Revi o filme daquela semana até que trocaram o programa.

Lembro só do título da fita: O medo que domina, das emoções acuminadas, sempiternas, das delícias do pavor que me dominava (que me paralisava até que eu recriasse forças para retornar mais uma vez), e de que a partir do filme o Latim passou a me interessar – em essência – por um bom tempo. Não tinha dez anos e decorava as declinações uma a uma, desde o vetusto compêndio de capa dura, desalinhado, lassas as costuras, as páginas bambas. Ouvira dizer que as declinações deveriam ser decoradas.

Nunca deslembrei que o filme chamava-se O medo que domina, que o medo me enfeitiçava, e também, daquela paixão pelo Latim, mesmo que passageira. Quando em rodas de prosa se falava de películas inesquecíveis, eu sempre ardia de vontade de encontrar alguém que tivesse provado o filme. Sem chance: nunca encontrei ninguém que tivesse visto o filme, que me dissesse dele qualquer coisa. Um vestígio que me encaminhasse ao seu enalço. Um dia contei essa estória, em busca do filme perdido, ao Maurício de Bonis, contumaz colecionador de contos contusos.

Dias atrás, ele me trouxe de presente uma cópia em DVD do filme – amolado por não ter conseguido matriz em melhor estado: o som agastado (sem legendas), as imagens chuviscadas. Qual! Pisei nas nuvens. *The unseen*. Direção de Lewis Allen, com Gail Russell, Joel McCrea, Herbert Marshall, 1944.

Em estado de choque: mais de sessenta anos transactos (em renovo), o tempo, uma lente a estirar emoções (contidas). De um conjunto impermisto de abalos e suscetibilidades particularíssimas – modulando-se ao longo de langorosos anos – rever o filme não era como retrogradar no tempo; muito mais uma lida protelável.

Por fim a decisão final, a estocada decisiva: de revê-lo; a Marta ao lado, evidente, o ouvido em alerta (para, juntos, arranharmos o enredo). Assistíamos o sobrevir das cenas sem que me sobreviesse o aguardado medo para me dominar, e sobretudo nada a indicar que o Latim, afinal, tivesse qualquer conexão com a trama. Nunca me passara pela cabeça que não houvesse de ter... indiviso como – de resto – causa e efeito. E até quase ao fim do filme nem me apercebi que se passasse algo em uma biblioteca.

– “Sim,” acudiu Marta – “tão breve e acessória que você não notou”.

Não, eu não tinha notado porque estava acertado em mim que a cena da biblioteca era mais deslumbrante, uma espécie de caroço do filme, ainda em crescimento: pois desde uma daquelas estantes – seguramente – teria saltado da tela do pequeno cinema para o meu dia-a-dia o compêndio de latim que eu encontrara em casa (devido, quem sabe, pelo aspecto sisudo, arcaico, de sua encadernação). Sete tempos haviam passado desde aquelas compulsivas idas ao cinema da esquina da minha rua. Desviei por um instante os olhos para a Marta e tornei ao filme, estatelado na poltrona.

The End, Antes de voltar a mim, desde o mergulho assombroso nas águas fundas da mente (sete tempos passados), a biblioteca na morada do filme, a extravagante gramática latina, sempre aos poucos (sem que me desse conta) ampliaram-se dentro de mim: magnificaram-se sem mesura, acutilaram harmônicos muito ímpares do leito da memória (desses que te empurram inexoravelmente para a estrela da vida inteira).

Willy Corrêa de Oliveira
São Paulo, 15 de março de 2011.

Nota: Pena que esse texto não tenha se somado ao meu livro **Passagens**.